

A GUERRA NO DESERTO - ALEMANHA

Por Reinaldo V. Theodoro

Após o desastre de Beda Fomm e vendo que os italianos corriam o risco de serem expulsos da África do Norte, Hitler decidiu ajudar seus aliados para evitar a perda de prestígio do Eixo. Enviou para a Líbia uma corpo apressadamente organizado, constituído por uma divisão panzer (blindada) e uma ligeira, além de outras formações. Essa força foi denominada *Deutsche Afrika Korps* (Corpo Alemão da África) e posta sob o comando de um general até então pouco conhecido, chamado Erwin Rommel. As tropas alemãs começaram a chegar na África em fevereiro de 1941 e já em março iniciavam uma espetacular arrancada que só terminou na fronteira do Egito, cercado o importante porto de Tobruk. Nos dois anos seguintes, a legenda de Rommel avolumou-se tanto que derrotá-lo passou a ser a maior prioridade aliada. Após diversas batalhas, onde a superioridade tática alemã quase sempre sobrepujava seus adversários, uma batalha decisiva se feriu em El Alamein, já dentro do Egito, a 23/10/42. Derrotado, Rommel recuou para a Tunísia, onde conseguiu uma impressionante vitória contra os americanos em Kasserine. Mas a sorte da guerra estava mudando e os remanescentes de suas tropas renderam-se aos aliados em maio de 1943.

Blindados: Perfeitamente cômicos do potencial do tanque de guerra (já que ele fora uma das causas da sua derrota na 1ª Guerra Mundial), os militares alemães procuraram desenvolver rapidamente suas máquinas, táticas e unidades. De imediato, e para fins de propaganda mais que de combate, adotaram um "tanquete" armado com metralhadoras e que seria o Panzer I. Decidiram também adotar um tanque leve para reconhecimento, um médio para combate a tanques inimigos e um pesado, para apoio de infantaria (praticamente idêntico ao pensamento britânico). Outra decisão dos alemães foi concentrar seus tanques em divisões blindadas, o que os outros países acabaram imitando relutantemente pouco antes do início da 2ª Guerra Mundial. Excetuando a luta em El Alamein (onde o Sherman superava ou se igualava tecnicamente aos tanques alemães), durante toda a Guerra no Deserto os alemães desfrutaram de superioridade técnica sobre as máquinas inglesas, principalmente no que diz respeito ao armamento. Os alemães também tinham uma melhor organização de recuperação de tanques, o que permitia que tanques postos fora de combate num dia estivessem prontos para a luta no dia seguinte, sendo comum encontrar-

mos fotos de tanques alemães em ação com grandes danos de combate visíveis.

Os batalhões Panzer tinham de 3 a 4 companhias, sendo, no início, a 1ª Companhia constituída por tanques leves (Panzer I e II), a 2ª e a 3ª com tanques médios (Panzer III) e a 4ª com tanques de apoio de infantaria (Panzer IV). No outono de 1942, a 1ª Companhia passou a ser equipada também com Panzer III, enquanto os Panzer II passaram a equipar um pelotão nos Q.G. de batalhão e regimento. A 5ª Divisão Ligeira chegou à África em março de 1941 e foi rebatizada 21ª Divisão Panzer em agosto do mesmo ano. A 15ª Divisão Panzer desembarcou em maio de 1941. A 10ª Panzer desembarcou em dezembro de 1942, na Tunísia.

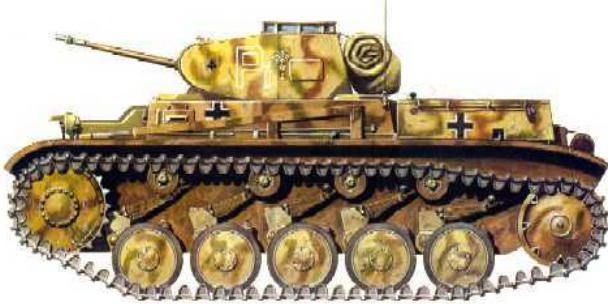
Panzer I - Lançado em 1935, o Panzer I foi a primeira das revolucionárias armas "Panzer". Contudo, ele não tinha nada de revolucionário, pois baseava-se no tanquete Carden-Loyd britânico. Teve seu batismo de fogo na Guerra Civil Espanhola, mas estava completamente obsoleto para a 2ª Guerra Mundial. Apesar disso, participou das campanhas da Polônia, França e do primeiro ano de combate na Rússia e na África, basicamente na função de reconhecimento.



Panzer IA da 5ª Divisão Ligeira, Líbia, março de 1941. Este é o 5º carro, do 2º pelotão, da 1ª Companhia, que nessa época era predominantemente equipada com tanques leves. Note a pintura original em "Dark Gray" em torno da cruz de identificação de veículos alemães. Este veículo foi pintado de "Yellow Brown" após a sua chegada à África do Norte.

Panzer II - Lançado em 1937, o Panzer II também era um tanque leve, embora fosse numericamente o mais importante tanque alemão do início da guerra. A primeira unidade blindada alemã a chegar na África (5º Regimento Panzer da 5ª Divisão Ligeira, mais tarde transformada na 21ª Divisão Panzer) estava equipada com o Panzer IIC, em-

bora praticamente todas as versões posteriores também participassem da Guerra do Deserto, até o seu desfecho.



Panzer IIF, 15ª Divisão Panzer, Bengazi, abril de 1942. Este tanque tem um belo esquema de pintura, com "Yellow Brown", "Red Brown" e "Gray-Green". O símbolo do *Afrika Korps* (uma palmeira com uma cruz suástica no meio do tronco) aparece na lateral da torre, ao lado de uma marcação desconhecida (Pi?).

Panzer III - Ao ser lançado em 1938, o Panzer III destinava-se a ser o principal tanque de combate alemão. As primeiras versões eram armadas com um canhão de 37 mm, mas o Panzer IIIE recebeu um canhão L/42 de 50 mm, seguido por um L/60 de 50 mm no Panzer IIIJ (o *Afrika Korps* utilizou apenas as versões "E", "G", "H", "J" e "L", todas com canhão de 50 mm). Em fins de 1942, foi lançado o Panzer IIIN, destinado ao apoio de infantaria, armado com um canhão L/24 de 75 mm (o mesmo usado nas primeiras versões do Panzer IV). Os batalhões de tanques pesados que atuaram na Tunísia eram equipados com o Panzer IIIN para fogo de apoio.



Panzer IIIH, pertencente ao comando do 1º Batalhão do 8º Regimento, 15ª Divisão Panzer, 1942. Neste veículo, o símbolo divisional é pintado nas laterais e na ré da torre.

Panzer IV - O Panzer IV tem a distinção de ser o único tanque alemão produzido do início ao fim da 2ª Guerra Mundial. Originalmente concebido como um tanque de apoio de infantaria, ele era armado com um canhão de baixa velocidade L/24 de 75 mm (que, ao contrário do canhão do Matilda e dos primeiros Valentine, disparava alto-

explosivo). O *Afrika Korps* utilizou as versões "D", "E" e "F1", mas acontecimentos em outra frente fariam o Panzer IV sofrer consideráveis transformações.



Panzer IVD pertencente ao comandante da 8ª Companhia, 5º Regimento Panzer, 21ª Divisão Panzer, Líbia, fins de 1941. Ele é pintado originalmente de "Dark Grey", sendo posteriormente pintado de "Yellow Brown". Observe o número do tanque repetido em uma pequena placa rombóide na lateral do tanque e o símbolo do *Afrika Korps* pintado ainda sobre a cor original.

Panzer IV "Especial" - Na frente russa, os primeiros encontros desagradáveis com o T-34 soviético levaram os alemães a adotar um canhão longo (L/43) de 75 mm como armamento principal de seus tanques. Porém, como esse canhão não podia ser adaptado ao Panzer III, o jeito foi adaptá-lo ao Panzer IV, surgindo daí a versão "F2", que os britânicos chamaram de "Panzer IV Especial". Ele chegou ao deserto a tempo de participar da "Batalha de Alam Halfa", revelando-se um terrível predador de tanques ingleses. Um modelo posterior, o "G", recebeu um canhão ainda mais potente (L/48), mas só foi utilizado na Tunísia.



Panzer IVG, pertencente à 7ª Companhia da 15ª Divisão Panzer, Tunísia, 1943. Observe o uso de naipes de cartas como forma de identificação, adotado pela 15ª Panzer durante a campanha da Tunísia (possivelmente uma influência dos franceses).

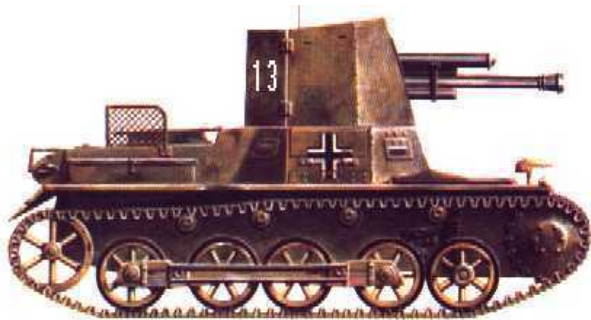
Panzer VI Tiger I - O famoso Tiger foi lançado em 1942 e estreou na frente russa em setembro de 1942, revelando-se o tanque mais poderoso do mundo na ocasião. Após a derrota em El Alamein, dois batalhões foram designados para a

Tunísia (sPzAbt 501 e 504), onde causaram um tremendo impacto nos aliados, pois ele era praticamente imune aos seus canhões anti-tanques, enquanto seu canhão de 88 mm podia destruir qualquer dos seus blindados. Contudo, chegaram tarde demais para realmente fazer diferença.



Tiger I do 504^o schwere Panzer Abteilung (sPzAbt) na Tunísia, 1943. Ao contrário dos veículos do 501^o sPzAbt, os tanques do 504^o não utilizavam números de identificação de unidade, embora costumassem usar o símbolo do batalhão, normalmente na placa frontal. Este tanque, contudo, usa uma versão simplificada desse símbolo, na lateral do casco e apresenta o novo esquema de cor, em "Desert Brown".

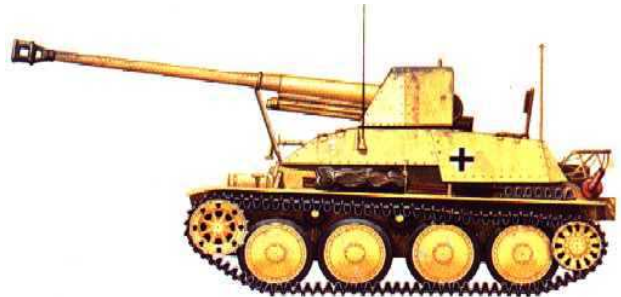
Panzerjäger I - Este canhão autopropulsado caça-tanques era uma adaptação do canhão anti-tanque tcheco de 47 mm ao chassi do Panzer IB. Foi usado na África do Norte em 1941, equipando o 605^o Batalhão anti-tanque, mas como o Matilda era imune a ele, tratou-se logo de substituí-lo.



Panzerjäger IB do 605^o Batalhão *Panzerjäger* (Caça-Tanques), 5^a Divisão Ligeira, Trípoli, março de 1941. Esta foi a primeira unidade de caça-tanques a chegar ao deserto. Em agosto de 1941, ela foi reforçada com um pelotão de Marder I. Os veículos alemães chegaram à África na cor original "Dark Gray".

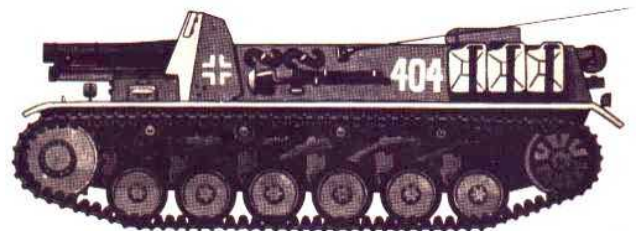
Panzerjäger Marder III - O Marder III foi produzido no início de 1942 utilizando-se o chassi do tanque tcheco 38(t), tendo duas versões de armamento: com um canhão russo de 76,2 mm ou com um canhão alemão Pak 40 de 75 mm (versão "H"). Mais de 100 foram enviados para a África e causou tal impressão aos britânicos que eles

achavam se tratar de um canhão de 88 mm. A primeira versão chegou à África em meados de 1942 (equipou os 33^o e 39^o Batalhões Caça-Tanques, respectivamente pertencentes às 15^a e 21^a Divisões Panzer), enquanto a outra só chegou a tempo de atuar na Tunísia.



Panzerjäger Marder III, com canhão de 76,2 mm, também chamado de "Marder 38" devido ao uso do chassi do tanque tcheco 38(t). O modelo aqui ilustrado não possui marcas de identificação e aparece em ação no verão de 1942.

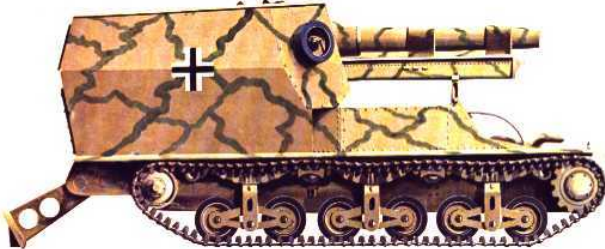
Bison - Baseado em um chassi modificado do Panzer II e armado com o obuseiro de campanha sIG 33 de 150 mm, o Bison foi um dos primeiros modelos de canhões de campanha autopropulsados alemães. Teve apenas 12 unidades produzidas, que equiparam as 707^a e 708^a Companhias de Canhões Pesados de Infantaria, ambas enviadas para a África no início de 1942. Não fez sucesso devido a constantes problemas mecânicos. Normalmente só ostentavam a cruz do Exército alemão, embora alguns tivessem um nome "extra-oficial". Note que houve outros modelos de "Bison", que não atuaram na África do Norte.



Canhão autopropulsado Bison, mostrando claramente o chassi do Panzer II. O número que aparece na ilustração pode ser apenas decorativo, pois eles equiparam apenas duas companhias independentes, tornando o número 404 sem sentido.

Canhão Autopropulsado Lorraine-Schlepper - Este veículo foi uma das muitas adaptações feitas pelos alemães sobre veículos inimigos capturados, no caso o Tracteur Blinde Lorraine-Schlepper 37L francês, no qual foi montado um obuseiro de 150 mm. Foi usado pelos regimentos de artilharia de algumas Divisões Panzer. Ao

todo, 40 deles foram enviados para a África. Como o Bison, normalmente só ostentavam a cruz do Exército alemão. Os alemães também produziram uma versão de caça-tanques dele, o Marder I, com um canhão AT de 75 mm.



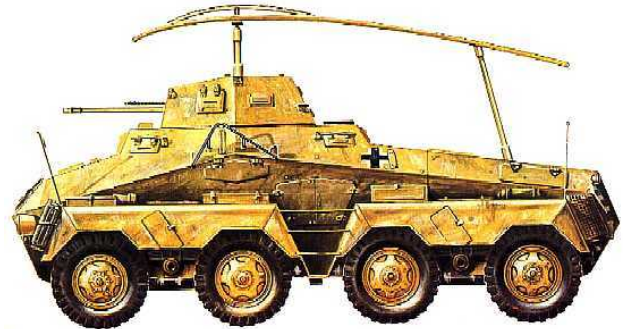
Obuseiro auto-propulsado no chassi do trator francês Lorraine-Schlepper. Como a maioria dos canhões auto-propulsados alemães, ele ostentava poucas marcações. A pintura é "Yellow Brown" com camuflagem em "Gray-Green".

SdKfz 222 - Já em meados dos anos 30 os alemães se preocuparam em desenvolver um carro blindado de reconhecimento sobre rodas, que seria chamado de SdKfz 221. Em 1938, uma versão aperfeiçoada dele foi lançada, o SdKfz 222. Este veículo teve extenso emprego durante toda a campanha norte-africana, equipando os batalhões de reconhecimento do *Afrika Korps*.



SdKfz 222 do 3º Batalhão de Reconhecimento, 5ª Divisão Ligeira, início de 1941. A primeira camuflagem usada pelos blindados alemães no deserto foi lama, a qual costumava sair com o desgaste normal das ações, deixando aparente a cor original em "Dark Gray".

SdKfz 232 - Este blindado surgiu da necessidade de substituir os modelos de 6 rodas do período inter-guerras. Lançado em 1936, ele ficou universalmente conhecido como "8 Rodas", sendo talvez o mais eficiente blindado de reconhecimento do Exército alemão na 2ª Guerra Mundial. Foi usado ao longo de toda a campanha norte-africana, tendo versões de carro-comando e de apoio de fogo, com um canhão curto de 75 mm.



SdKfz 232, versão especialmente equipada com rádio (a armação sobre o veículo é a antena do rádio).

SdKfz 250 - Lançado em 1940, o SdKfz 250 era a versão blindada do pequeno SdKfz 10, tendo versões de carro-comando, transporte de munição, reboque de artilharia, etc. Rommel utilizou um SdKfz 250/3 como seu carro de comando pessoal.



SdKfz 250/10, armado com um canhão anti-tanque Pak de 37 mm. Este veículo foi observado em Trípoli, em 1941. Ele é pintado de "Yellow Brown" com faixas irregulares de "Gray-Green". Nessa época, os veículos de transporte e apoio ainda não eram obrigados a adotar a numeração usada nos tanques.

SdKfz 251 - Lançado em 1939, o versátil SdKfz 251 foi muito utilizado na África do Norte em uma grande variedade de tarefas. As versões "A", "B" e "C" foram utilizadas pelo *Afrika Korps*.



SdKfz 251/1 (Tipo "C") da 10ª Divisão Panzer, Tunísia, 1943. Ele é pintado originalmente de "Dark Grey", mas recebeu uma pintura dissemi-

nada de "Dark Yellow". Observe o uso de folhagem como parte da camuflagem.

Pintura: Os primeiros tanques do *Afrika Korps* a chegar (5ª Ligeira) estavam pintados de Cinza Negro ("Dark Gray"). Usavam números bem grandes nas laterais e na traseira da torre, às vezes usando ainda as velhas plaquinhas rombóides removíveis com números pequenos nas laterais e à ré. A primeira camuflagem dos tanques alemães foi a lama.



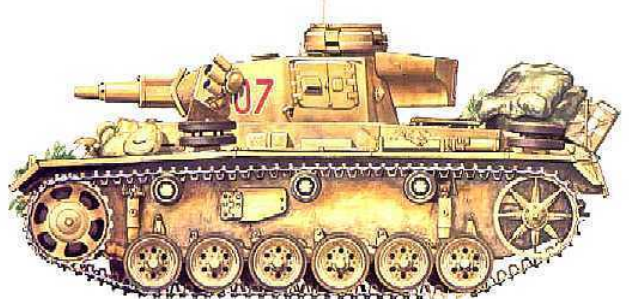
Panzer IIF, do comando do 2º Batalhão do 8º Regimento, 15ª Divisão Panzer, Líbia, março de 1941. É de estranhar o número "25", pois o comando do batalhão tinha apenas um punhado de tanques. Além disso, o 8º Regimento costumava utilizar apenas os números das companhias. Observe também o excesso de "bagagem" que os blindados no deserto tinham que transportar, entre suprimentos, lonas, agasalhos, caixotes, etc. A cor do veículo é Cinza Negro ("Dark Grey").

A 17/03/41, foi estabelecido que os veículos destinados ao *Afrika Korps* seriam pintados de Marrom Amarelado ou "Yellow Brown", com Cinza Esverdeado para camuflagem, na proporção de 2/3 para 1/3. Mas sempre houve escassez de tinta e muitos veículos continuaram usando Cinza Negro (incluindo, muitas vezes, o interior dos veículos abertos). Também foi usado o Cinza Negro como camuflagem sobre o Marrom Amarelado. Usou-se também tinta capturada aos britânicos.



Panzer IVF2 do 5º Regimento, 21ª Divisão Panzer, durante a Batalha de El Alamein, outubro de 1942. Este é o 4º tanque, 1º Pelotão, 7ª Companhia. Ele usa uma pintura de "Dark Grey" usado como camuflagem com o "Yellow Brown". O Panzer IVF2 é facilmente identificável pelo freio de boca esférico de seu canhão.

A 25/03/42, foi especificado um novo esquema de pintura, com cores mais escuras (Marrom do Deserto ou "Desert Brown" - RAL8020). Durante a campanha da Tunísia, alguns Tiger e Panzer IIIN usavam Verde Oliva, normalmente em unidades postadas junto à costa.



Panzer IIIN, 501º sPzAbt. Os batalhões de tanques pesados usavam estes veículos para apoio de fogo. Note o número de apenas dois dígitos, com o "0" indicando que o veículo pertence ao comando do batalhão.

Durante a primavera de 1943, o material que chegava era no novo padrão Amarelo Escuro ("Dark Yellow"), podendo usar camuflagem em Marrom Avermelhado (RAL8017) e/ou Verde Escuro. Ao tempo da rendição, muito do equipamento usado pelo Eixo era americano ou britânico capturado, fazendo o "Desert Sand" britânico e o "Olive Drab" americano tão comuns quanto as cores alemãs.



Tiger I do sPzAbt 501, Tunísia, início de 1943. Este exemplar foi destruído por canhões anti-tanques de 6 libras. Ele usa uma pintura em "Desert Brown" e "Red Brown".

A identificação dos blindados era normalmente constituída por um número de três algarismos, onde o primeiro representava a companhia, o segundo, o pelotão e o terceiro, o veículo. Assim, o tanque 324 era o 4º carro do 2º pelotão da 3ª Companhia. Os tanques do comando da Companhia usavam um "0" como indicativo do pelotão e podiam usar "1" ou "0" como carro do comandante (por exemplo, o tanque Nº 300 seria o carro do comandante da 3ª Companhia). Um "R" indicava um carro do Q.G. do regimento, enquanto o Q.G. de batalhão usava algarismos romanos. Houve, porém, muitas variações dessa prática. Uma de-

las usava um número de companhia falso (por exemplo, "9" em regimentos de 8 companhias). Houve ocasiões em que havia uma 9ª Companhia na divisão e então o número falso era o "10" (1001, 1002, etc.). Outras usavam o "0". Números falsos de pelotão também foram observados ("562" sendo um exemplo). Algumas unidades simplesmente contavam seus carros dentro da companhia, ignorando o pelotão (por exemplo, o "309" era o 9º tanque da 3ª companhia). O símbolo da 15ª Divisão Panzer era um triângulo dividido no meio por uma barra vertical, embora o seu 8º Regimento Panzer tivesse seu próprio símbolo. Todos os veículos usavam a palmeira e a suástica do *Afrika Korps*. A 15ª Panzer normalmente utilizava somente um algarismo pintado nas laterais e na ré da torre, indicando somente a Companhia. Normalmente era pintado em vermelho, com uma linha branca circunjacente, mas também foi observado o uso da cor preta. Um não documentado sistema de naipes de cartas foi usado pelo 8º Regimento na Tunísia (possivelmente imitando o sistema usado pelos franceses). A 21ª Divisão Panzer surgiu da "promoção" da 5ª Ligeira a Panzer. Esta, por sua vez, foi formada a partir de elementos da 3ª Divisão Panzer. O símbolo dela era um "D" com uma barra horizontal. No início, porém, muitos veículos ainda ostentavam as marcas da 3ª Divisão Panzer. O 7º Regimento Panzer (parte da 10ª Divisão Panzer) usava a silhueta de um bison como símbolo. O bison era mantido na cor do tanque usando uma máscara, sobre a qual era pintada uma borda de cor preta em veículos pintados de Marrom do Deserto. Durante a invasão da Rússia, essa divisão usava apenas o número de Companhia, mas, na Tunísia, foram adotados números de pelotão e veículo em tamanho menor, possivelmente devido à constante organização em "kampfgruppen" (grupos de batalha).



Panzer IV G da 10ª Divisão Panzer, Tunísia, 1943. Observe a pintura do número de pelotão e de tanque acessórios ao número principal, da Companhia (8).

Os Tiger I do 501º Batalhão chegaram à Tunísia em novembro de 1942 pintados de Cinza Negro,

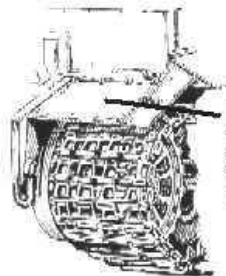
sendo imediatamente pintados de Marrom do Deserto. Seu símbolo era o desenho de um tigre e uma característica marcante era o uso de números bem grandes na torre. Além disso, algumas alterações de campo foram feitas nos seus tanques, estreitando os pára-lamas e reposicionando os faróis (apenas os Tigers do 501º tiveram essas modificações). Duas companhias do 501º foram agregadas à 10ª Divisão Panzer para a batalha de Kasserine, tornando-se as 7ª e 8ª Companhias do 7º Regimento Panzer.



Tiger I do 501º sPzAbt. Este veículo tem uma pintura de "Desert Brown" com camuflagem em Verde Oliva. Ele é identificado como o 2º carro, do 1º Pelotão, da 7ª Companhia, então anexado ao 7º Regimento Panzer.

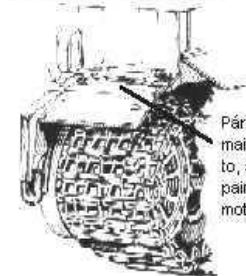
PÁRA-LAMAS

Pára-lamas do Tigre I padrão



Pára-lama mais largo, com painél escamoteável

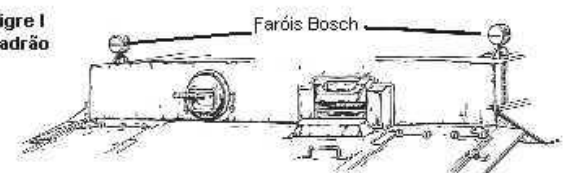
Pára-lamas modificado usado pelo sPzAbt 501 na Tunísia



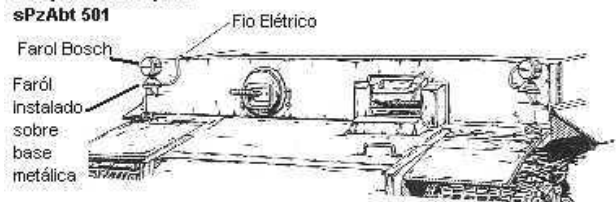
Pára-lamas mais estreito, sem o painél escamoteável

FARÓIS

Tigre I padrão



Modificação de campanha feita pelo sPzAbt 501



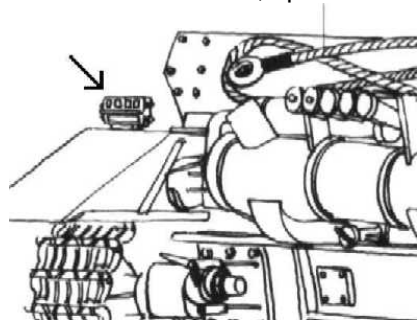
Os tanques do 504º sPzAbt (schwere Panzer Abteilung = Batalhão de Tanques Pesados) foram pintados de Marrom do Deserto e Verde Oliva (RAL7008). Eles chegaram à Tunísia a 12/03/45, mas apenas a 1ª Companhia chegou a ser enviada, pois a 2ª ficou na Sicília.



Símbolos das principais unidades alemãs que lutaram na Guerra do Deserto.

Duas informações adicionais são importantes: como todos os veículos no deserto tinham que transportar tudo o que fosse necessário para o seu funcionamento, os galões (que ficaram logo conhecidos como "Jerry Cans") tinham que transportar água e combustível. Assim, para evitar confusão, adotou-se a prática de marcar os galões de água com uma cruz branca, para distingui-los dos demais.

Os veículos alemães possuíam uma lanterna traseira para marcha noturna. Ela usava uma seqüência de quatro luzes verdes, que eram dispostas de tal forma que, à distância ideal, pareciam apenas duas; muito próximo, eram visíveis as quatro luzes e muito distante, apenas uma.



Lanterna alemã de marcha noturna, à ré de um Panzer IV. Engenhosidade germânica.

Kits: Os famosos "Panzers" alemães da 2ª Guerra Mundial sempre atraíram um grande fascínio popular e isso se reflete na diversidade de modelos existentes no mercado, desde os mais simples, aos mais sofisticados (e caros). O Panzer I pode ser encontrado nas escalas de 1/76 (produzido pela Milicast e pela Cromwell) e 1/35 (Zvezda e Accurate, este em resina). Já o Panzer II é produzido por pelo menos seis firmas (Revell, Alan, Tamiya, DML, ICM e Verlinden), nas escalas 1/72, 1/35 e 1/15. Note que estou me referindo somente aos modelos C, D e F do Panzer II, que são os que nos interessam aqui. O Panzer III, da mesma forma, é produzido por não menos que oito firmas (Matchbox, Milicast, Fujimi, Esci, Revell, Alan, Tamiya e DML), nas escalas de 1/76, 1/72 e 1/35. A DML abusa do direito de fabricar esse tanque, pois ela produz as versões E, G, H, J e M/N (todos na escala 1/35), ou seja, praticamente todos os modelos que atuaram na África do Norte. A Tamiya vem logo atrás, com seus kits da versão L e M/N. O Panzer IV de canhão curto não tem o mesmo tratamento privilegiado, contando com poucos kits no mercado, como o Panzer IVD da Tamiya (1/35) e o F1 da Hasegawa (1/72). A Airfix produziu um kit, na escala 1/72, com opção para F1 ou F2. A Italeri, mais esperta, lançou um kit com possibilidade de montar três versões diferentes, a F1, a F2 e a G, todas com decalques para a África do Norte (veja na nossa matéria de "Dicas para a montagem do Panzer IVF1 da Italeri"). O Panzer IV "Especial" tem mais variedade, com a Hasegawa produzindo um kit com opção para F2 ou G na escala 1/72, a Aarii produz o G na escala 1/76, a DML produz o F2 na escala 1/35 e a Bandai tem um kit na escala 1/15. Mais uma vez, limitei-me aos modelos que atuaram na África, não levando em consideração as versões H e J, cujos kits também são produzidos. O Panzer VI Tiger é um verdadeiro astro, pois mais de dez firmas produziram kits dele (Fujimi, Milicast, Revell, Airfix, Hasegawa, Heller, Nichimo, Italeri, Academy, Tamiya, Bandai e Verlinden), em quase todas as escalas (1/76, 1/72, 1/35, 1/16 e 1/15). A Academy tem um kit com o interior superdetalhado e possibilidade de visualização, retirando-se o teto do compartimento de combate. Contudo, deve-se ficar atento, pois na África só atuaram as primeiras versões (que a gente acostumou a chamar de "Early"). O Panzerjäger I é produzido pela Fujimi na escala 1/76 e pela Italeri, Ironside e Maquette na escala 1/35 (sendo o kit da Maquette "Hi-Tech"). O Panzerjäger Marder I (aquele montado no chassi do Lorraine-Schlepper) é produzido pela Ironside na escala 1/35. O Marder III só é produzido na escala 1/35, pela Tamiya e pela Maquette. Já o Marder III "H" só é produzido pela Italeri, também

na escala 1/35. O Bison, por incrível que pareça, é fabricado por duas firmas, a Alan e a CRI.EL (este em resina), ambos na escala 1/35. Outra raridade é o Canhão Autopropulsado Lorraine-Schlepper, que só é produzido em kits de resina pela CRI.EL e pela Commander Series Models, ambos na escala 1/35. O SdKfz 222 é produzido pela Fujimi (1/76), Airfix (1/72), Tamiya (1/35) e Jaguar (1/16). Já o SdKfz 232, o famoso "8 Rodas", não menos que seis firmas produzem kits dele (Matchbox, Milicast, Mars (em resina), Frog, Tamiya e HiPM), nas escalas de 1/76, 1/72, 1/48 (da Frog) e 1/35. O SdKfz 250 também é produzido por pelo menos seis firmas (Fujimi, Cromwell, Esci, DML, Tamiya e Airfix), nas escalas 1/76, 1/72, 1/35 e 1/32 (Airfix, com direito a uma miniatura muito feia do Rommel). Finalmente, o SdKfz 251 é outra estrela do modelismo, com pelo menos sete firmas a produzi-lo (Matchbox, Milicast, Fujimi, Italeri, Hasegawa, Frog e Tamiya), em todas as escalas (1/76, 1/72, 1/48 e 1/35).

Note que as linhas de produção das fábricas de kits são dinâmicas, ou seja, estão sempre retirando e lançando produtos. Além disso, é possível encontrar kits fora de produção em estoques de muitas lojas. Portanto, o que foi dito acima é apenas uma orientação.